

PIM AMAZÔNIA

POLÍTICA • INDÚSTRIA • MEIO AMBIENTE

ISSN 2359-3369 R\$ 25



ANO XV • ED. 181 • ABRIL 2025
WWW.PIMAMAZONIA.COM.BR

BALPONTE



TUDO QUE TENHO, TUDO QUE SEI, DEVO A UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

TANARA LAUSCHNER, REITORA ELEITA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS (2025-2029)

CIRCULAÇÃO: AMAZONAS, ACRE, AMAPÁ, RORAIMA, RONDÔNIA, PARÁ, TOCANTINS, MARANHÃO, MATO GROSSO, BRASÍLIA E SÃO PAULO. TIRAGEM DESTA EDIÇÃO: 25.200 EXEMPLARES



AMAZON
EMBALAGENS

O diferencial
que VOCÊ precisa
está aqui!

Destaque sua marca em cada transação.



Sua **máquina de cartão** não precisa ser básica.



Com a **personalização de embalagens e rótulos da Amazon Embalagens**, você também pode transformar sua máquina de cartão em uma extensão da identidade visual do seu negócio.

Entre em contato conosco hoje mesmo para saber como a Amazon Group pode atender às suas necessidades.

 92 99377 7972  92 3672 2000

 @amazonemba agens

 www.amazonembalagens.com.br





É importante
a preparação,
o alongamento
e o foco
na prova.



O momento
é de superação,
os obstáculos
desaparecem
nessa hora.

Quarenta e dois
quilômetros?
Dá preguiça
só de pensar.

Prefiro
correr
na esteira.

Ai meu
joelho!

QUER ELEVAR O NÍVEL DA SUA OPINIÃO? LEIA REVISTA.

Ler uma revista
é se aprofundar
no seu assunto
preferido de forma
descontraída.
A cada página,
um universo de
informações dos
mais diversos temas.
E você ainda ganha
mais bagagem para
formar uma opinião
forte e consistente.

REVISTAS



ANER

ASSOCIAÇÃO NACIONAL
DE EDITORES DE REVISTAS

QUEM LÊ REVISTA
TEM OPINIÃO.

SUMÁRIO

ANO XV | EDIÇÃO 181 | ABRIL DE 2025

32 TARIFAÇO TRUMP MOSTRA OPORTUNIDADES DE EXPORTAÇÃO PARA A AMAZÔNIA



| Country | Tariffs Charged to the U.S.A. Including Country-Specific and Trade Barriers | U.S.A. Discounted Reciprocal Tariffs |
|----------------|-----------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------|
| China | 67% | 34% |
| European Union | 39% | 20% |
| Vietnam | 57% | 36% |
| Japan | 46% | 24% |
| South Korea | 52% | 26% |



20

ENTREVISTA

TANARA LAUSCHNER,
REITORA ELEITA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO AMAZONAS (UFAM)



32

INTERNACIONAL

TARIFAÇO
TRUMP MOSTRA
OPORTUNIDADES DE
EXPORTAÇÃO PARA A
AMAZÔNIA



41

COMÉRCIO

COMÉRCIO NO AMAZONAS
CRESCER ACIMA DA MÉDIA
NACIONAL

SEÇÕES

| | |
|---------------------|----|
| EDITORIAL | 8 |
| CIRCUITO | 10 |
| ENTREVISTA | 20 |
| INTERNACIONAL | 32 |
| COMÉRCIO | 41 |

▶ **MAIS DE 658 MIL** **CRIANÇAS ATENDIDAS** ▶ **EM 2024**



▶ **OS CAICS OFERECEM** ▶ **SAÚDE E ACOLHIMENTO PERTO DE VOCÊ**

Os números confirmam: o cuidado está chegando onde mais importa.

Com estrutura reforçada, os CAICs realizam milhares de atendimentos todos os meses, oferecendo serviços de pediatria, odontologia, psicologia, vacinação, farmácia básica e muito mais.

E agora, o Governo do Amazonas se prepara para dar um passo importante na rede estadual de Saúde: a criação dos CAICs TEA, unidades voltadas exclusivamente ao atendimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista, com equipe multidisciplinar e acolhimento especializado.



▶ **VEM AÍ OS CAICS TEA!** 



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

TRABALHO QUE TRANSFORMA



Ano XV | Edição 181 | Abril de 2025
Manaus / Amazonas / Brasil

WWW.PIMAMAZONIA.COM.BR

POLÍTICA, INDÚSTRIA & MEIO AMBIENTE

EDITOR EXECUTIVO
Juarez Filho

FOTOGRAFIA
Arquivo Editora Balponte, Divulgação

REPORTAGEM
Juarez Filho e Karla Ximenes

DIAGRAMAÇÃO
Pedro Santos

REVISÃO
Juvenal Farias

ASSISTENTE DE REDAÇÃO
Jordão Baldoino

FALE COM A REDAÇÃO:

REDACAO@PIMAMAZONIA.COM.BR
TEL: 92 3347-2361

PUBLICIDADE E PROJETOS ESPECIAIS
COMERCIAL@PIMAMAZONIA.COM.BR
MANAUS/AM TEL: 92 98182.0032

ASSINATURAS E EDIÇÕES ANTERIORES
92 3347-2361/ 98182.0518
ASSINATURA@PIMAMAZONIA.COM.BR

As opiniões contidas nos artigos assinados
não correspondem necessariamente ao
posicionamento da PIM AMAZÔNIA.



A Revista PIM Amazônia (ISSN 2359-3369) é uma publicação
mensal da Editora Balponte - CNPJ: 03.855.866/0001-72



www.aner.org.br

A Balponte é membro da Associação Nacional
de Editores de Revista

EDITORIAL

Nesta edição, PIM Amazônia reforça seu compromisso com o registro dos principais movimentos que moldam a economia e os negócios na região Norte. Em destaque, uma entrevista exclusiva com a nova reitora da Universidade Federal do Amazonas, Tanara Lauschner, que compartilha sua trajetória, os desafios da gestão universitária e a visão de futuro para a educação e a ciência na Amazônia.

Na editoria de Comércio, trazemos uma análise detalhada sobre o crescimento do setor no Amazonas, que superou a média nacional em 2024, com destaque para a geração de empregos e a força do varejo local. A seção também discute os impactos logísticos da estiagem e a busca por políticas públicas que fortaleçam a infraestrutura e a competitividade do setor.

No cenário internacional, analisamos o chamado “Tarifaço Trump” e suas implicações para a Zona Franca de Manaus. Apesar das incertezas, especialistas e representantes da indústria avaliam oportunidades estratégicas para ampliar exportações e atrair investimentos, transformando o desafio em uma possível vantagem competitiva.

Na seção Circuito, percorremos os estados da Amazônia Legal para mostrar boas práticas e avanços regionais. Destaques para o Amapá, que implementa um novo Código de Governança Socioambiental; o Tocantins, que alcança safra recorde de grãos; e Roraima, com uma história de inovação na bioeconomia que conecta floresta e mercado de beleza.

Cada uma dessas pautas reafirma a vocação produtiva da Amazônia e o papel transformador da informação qualificada.

Boa leitura!



OPINIÃO DO LEITOR


Um leitor informado também pode ser um leitor atuante. Participe, então, de nosso esforço para fazer uma Revista PIM Amazônia cada vez melhor. Envie sugestões para as próximas edições. O que você gostaria de ler aqui nos próximos meses? Críticas, denúncias, opiniões ou dúvidas: tudo isso é bem vindo e não ficará sem resposta. Estamos aguardando seus comentários.



Participe!

WWW.PIMAMAZONIA.COM.BR

     @pimamazonia

 redacao@pimamazonia.com.br



ACRE • AMAZONAS • AMAPÁ • MARANHÃO • MATO GROSSO • PARÁ • RONDÔNIA • RORAIMA • TOCANTINS



Sabin: sempre pertinho de você

Para cuidar da sua saúde, a gente sempre começa o dia com aquele aconchego saboroso e especial: um pão de queijo quentinho, além dos nossos diferenciais exclusivos e um atendimento cheio de carinho, do jeito que você merece. Conte com a gente para cuidar do seu bem-estar e de quem você ama, com todo cuidado e atenção que merecem.

Tem um Sabin em cada canto da cidade esperando por você.



Shopping Grande Circular:

Av. Autaz Mirim, 6100 - Piso L3 - São José Operário

Morada do Sol:

Dentro da Sensumed - R. José de Arimateia, 146 - 2º andar



sabin.com.br

92 2126-8000





GOVERNO DO AMAPÁ AVANÇA NA IMPLEMENTAÇÃO DO NOVO CÓDIGO DE GOVERNANÇA SOCIOAMBIENTAL

O Governo do Amapá está em fase final de elaboração dos regulamentos que darão efetividade ao novo Código de Governança Socioambiental. Desde que entrou em vigor, em 9 de abril, o novo marco legal vem sendo estruturado pela Secretaria de Estado do Meio Ambiente (Sema), com a finalidade de modernizar e dar mais eficiência à gestão ambiental em todo o território amapaense.

A Sema conduz a finalização de decretos e instrumentos normativos que irão regulamentar os procedimentos a serem adotados por todos os órgãos e entidades do governo estadual. Esses ajustes buscam alinhar as práticas institucionais às diretrizes do novo código, promovendo mais segurança jurídica, agilidade nos processos e redução da burocracia, especialmente nas etapas de licenciamento ambiental.

“Nossa equipe técnica está concluindo as minutas dos regulamentos assessorada pela consultoria que é especializada na área ambiental e que foi contratada para este processo, incluindo o decreto que trata da fiscalização ambiental e os procedimentos relacionados aos diferentes tipos de licenças. Tudo está sendo construído com base no novo código e com diálogo institucional”, afirmou a secretária de Meio Ambiente, Taisa Mendonça.

O código também reforça a importância da gestão participativa, envolvendo o poder público, setor privado, organizações da sociedade civil e comunidades tradicionais. Com isso, o Estado consolida um modelo de governança democrática e ambientalmente responsável, voltado ao equilíbrio entre desenvolvimento sustentável e conservação dos ecossistemas amazônicos.

TOCANTINS BATE RECORDE DE PRODUÇÃO DE GRÃOS COM SAFRA DE 8,9 MILHÕES DE TONELADAS EM 2025

O Tocantins fechará o ano batendo o recorde na produção de grãos com colheita de 8,9 milhões de toneladas na safra 2024/2025, o que representa um aumento de 16% em relação ao ano anterior, quando o rendimento foi de 7,69 milhões de toneladas. Esse crescimento acompanha a tendência de uma safra histórica no Brasil, que deve alcançar 330,3 milhões de toneladas, um acréscimo de 32,6 milhões em comparação ao ciclo 2023/2024. Os dados são do 7º Levantamento da Safra de Grãos 2024/25, divulgado no dia 10 de abril pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).

O governador do Tocantins, Wanderlei Barbosa, destacou que o aumento na produção representa um grande avanço para o estado e ressaltou os investimentos realizados no setor agrícola. “O crescimento de 16% na nossa produção de grãos demonstra o quanto a agricultura do Tocantins está se desenvolvendo. Estamos investindo em infraestrutura, tecnologia e no apoio ao produtor rural, e os dados confirmam que seguimos entre os maiores produtores do Brasil. Vamos continuar

trabalhando para investir em ações que contribuam cada vez mais para o avanço da produção e o fortalecimento do agronegócio”, reforçou o chefe do Executivo.

À frente da Secretaria de Estado da Agricultura e Pecuária (Seagro), o secretário Jaime Café atribuiu o acréscimo do desempenho agrícola do Tocantins a diversos aspectos. “Esse aumento na produção está ligado a vários fatores, como a ampliação de áreas de pastagem que foram convertidas para a agricultura, além da adoção de tecnologias em áreas novas que entraram em 2024. Um exemplo é o uso de cobertura verde para melhorar o solo, que traz muito mais fertilidade e aumentou bastante a produtividade nas áreas que já existiam. As condições climáticas também influenciaram, com temperaturas, chuvas e sol na medida certa. Ainda teremos a colheita da safrinha de milho, que está se desenvolvendo bem e a soja de semente nas várzeas tropicais, que deverá ser colhida a partir do mês de agosto. Então, computando todas as produções, tivemos um aumento muito expressivo”, pontuou o titular da Seagro.





MATO GROSSO ELABORA PLANO PARA AMPLIAR NÚMERO DE EMPRESAS EXPORTADORAS

Mato Grosso deu início à elaboração de seu Plano de Promoção da Cultura Exportadora, com oficinas realizadas pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico (Sedec), em parceria com o Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC) e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). A iniciativa faz parte da Política Nacional de Cultura Exportadora (PNCE) e tem como meta ampliar o número de empresas que exportam, especialmente entre micro e pequenas empresas.

Apesar de ser um dos maiores exportadores do país em volume, com forte base no agronegócio, Mato Grosso ainda tem baixa diversidade no perfil dos exportadores. Em 2024, das 251 empresas que venderam para o mercado externo, apenas 22 eram MEIs (microempreendedores individuais) ou microempresas, e 30 de pequeno porte. A grande maioria – 199 empresas – é de médio e grande porte. Embora o número de exportadoras no Estado tenha crescido nos últimos anos, passando de 231 em 2022, depois 250 em 2023, o aumento está concentrado nas grandes corporações.

O contraste com Goiás revela o potencial inexplorado de Mato Grosso: no vizinho goiano, 163 microempresas e MEIs exportaram em 2024, além de 71 empresas de pequeno porte. Os dados integram o relatório Exportação e Importação por

Porte Fiscal das Empresas, divulgado pelo MDIC no dia 7 de março de 2025. Nacionalmente, o Brasil encerrou 2024 com o recorde de 28.847 empresas exportadoras, sendo 5.952 MEIs/micro, 5.480 de pequeno porte e 17.172 médias e grandes.

“O foco da política é ampliar o número de exportadores brasileiros, sobretudo entre micro, pequenas e médias empresas, que hoje ainda têm pouca inserção no comércio exterior, especialmente nos estados do Norte e Centro-Oeste”, explicou Paulo Guerrero, diretor substituto do Departamento de Promoção das Exportações do MDIC.

A proposta das oficinas é construir, com todos os atores do ecossistema exportador local, um plano dinâmico e customizado à realidade do Estado, com ações estratégicas para fomentar a exportação de novos produtos e envolver novos perfis de empresas.

“A gente quer sair do foco apenas no agro e diversificar. Há espaço para exportação de produtos como pulses, gergelim, serviços e até itens industrializados. É uma chance de verticalizar a produção e gerar mais valor agregado dentro do estado”, destacou o superintendente de Indústria e Comércio da Sedec, Adoniram Magalhães.

GOVERNO DO AMAZONAS INCENTIVA O EMPREENDEDORISMO INDÍGENA COM LINHAS DE FINANCIAMENTO PARA NOVOS NEGÓCIOS



Incentivando o empreendedorismo nas comunidades indígenas, o Governo do Amazonas, por meio da Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam) em parceria com a Fundação Estadual dos Povos Indígenas do Amazonas (Fepaim) tem estimulado a criação

de negócios e a geração de renda, além da preservação de sua cultura e meio ambiente, oferecendo o + Crédito Indígena.

Implementado em 2024, a linha de financiamento voltado às comunidades indígena já soma mais de R\$ 114 mil em 25 operações. O artesanato indígena que é uma importante fonte de renda para as comunidades já foi contemplado com mais de R\$ 79 mil em 17 operações.

“A Afeam apoia diversos segmentos da economia com essa linha de crédito para os povos originários. Estamos apoiando projetos em diversas


áreas, como artesanato que se destacam, agricultura, turismo e outras iniciativas empreendedoras”, destaca o diretor-presidente da Afeam, Marcos Vinicius Castro.

“A parceria com a Afeam fortalece ainda mais o nosso compromisso com o etnodesenvolvimento sustentável. Com o mais Crédito Indígena, estamos ampliando o acesso ao financiamento para que os povos indígenas possam investir em seus próprios projetos, com respeito à sua cultura e aos seus modos de vida”, comentou Nilton Makaxi, diretor-presidente da Fepiam.

TRANSPORTE ESPECIAL CORPORATIVO

ELEVE A PRODUTIVIDADE DE SEUS COLABORADORES

Fale com o nosso time de especialistas. Temos a melhor solução para a sua companhia.

 (92) 98126-9239



EXPORTAÇÕES DE MOTOCICLETAS PARA A ARGENTINA IMPULSIONAM COMÉRCIO EXTERIOR DO AMAZONAS EM MARÇO



Em março de 2025, o Amazonas movimentou US\$ 1,42 bilhão em sua Corrente de Comércio, composta pelas exportações e importações realizadas pelo estado. No período, o volume exportado totalizou US\$ 65,84 milhões, enquanto as importações, responsáveis por trazer insumos para abastecer a Zona Franca de Manaus e o comércio, somaram US\$ 1,36 bilhão, conforme divulgados pela Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação (Sedecti).

Entre os destaques do mês, a Argentina se consolidou como o principal destino das exportações amazonenses, com ênfase para o envio de motocicletas e outros ciclos com motor de pistão alternativo. O produto representou 64,81% das exportações para o país, totalizando US\$ 5,47 milhões.

Já a Alemanha ocupou a segunda posição no ranking de países que mais importaram produtos do Amazonas. O destaque ficou por conta do ouro em outras formas semimanufaturadas, que atingiu

US\$ 7 milhões e representou 90,25% das exportações para o país europeu.

No campo das importações, a China manteve sua posição como principal origem dos produtos que chegam ao estado, com destaque para outros suportes gravados, cujo valor importado foi de US\$ 93,28 milhões, ou 15,34% do total importado. Em segundo lugar, os Estados Unidos se destacaram com a importação de copolímeros de etileno e alfa-olefina, que somaram US\$ 17,71 milhões (18,03% das importações provenientes daquele país).

Em março, Presidente Figueiredo (distante 117 quilômetros de Manaus) liderou entre os exportadores, com destaque para o envio de ferro-ligas à China, no valor de US\$ 3,39 milhões. Já Itacoatiara (a 176 quilômetros da capital) aparece em segundo lugar, com exportações de soja, mesmo triturada, no montante de US\$ 1,94 milhão, destinadas à Tailândia. No campo das importações, Itacoatiara também se sobressai, com a compra de óleos de petróleo ou de minerais betuminosos da Rússia, totalizando US\$ 16,44 milhões.

Outro destaque nas importações é o município de Rio Preto da Eva (a 57 quilômetros de Manaus), que registrou US\$ 335,88 mil em compras de polímeros de etileno, em formas primárias, provenientes dos Estados Unidos.

De acordo com o assessor econômico da Sedecti, Alcides Neto, os números refletem a vitalidade da indústria local. “Os dados mostram a força da Zona Franca de Manaus como motor da economia amazonense, com o crescimento da atividade no Polo Industrial”, avaliou.



ACRE CONQUISTA 2º LUGAR NACIONAL EM AGILIDADE NA ABERTURA DE EMPRESAS, COM TEMPO MÉDIO DE MENOS DE 9 HORAS

O Acre se destacou no mais recente painel do Mapa de Empresas, divulgado pelo governo federal, ao conquistar a segunda colocação nacional em agilidade na abertura de empresas. Com uma média de apenas 8,4 horas para formalizar novos empreendimentos, bem abaixo da média nacional de 23 horas, o Estado reafirma seu compromisso com a eficiência e a desburocratização do ambiente de negócios.

O avanço é resultado de uma articulação estratégica entre a Junta Comercial do Estado (Juceac), o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae/AC) e as prefeituras municipais. Essa união tem sido fundamental para simplificar o processo de registro empresarial, garantindo viabilidade automática de endereço em todo o território estadual e promovendo um ambiente mais acessível ao empreendedorismo.

A presidente da Juceac, Nayara Honorato, comemorou a conquista. “Esse resultado excepcional demonstra não apenas a consistência do trabalho realizado, mas também a capacidade do Estado de atingir patamares de excelência que o colocam na vanguarda da desburocratização no país. Registramos o melhor tempo desde que o Mapa de Empresas passou a monitorar esse indicador, consolidando um marco histórico na evolução dos nossos serviços”, destacou.

Entre as principais iniciativas que contribuíram para esse avanço está o Projeto Acre+Simples, voltado à modernização dos sistemas digitais da Juceac. A proposta inclui a integração com órgãos licenciadores, a padronização de fluxos de trabalho e a constante capacitação de colaboradores, tudo com foco em um atendimento mais ágil, eficiente e humanizado.



EMPREENDIMENTO RORAIMENSE LEVA INOVAÇÃO DA FLORESTA AMAZÔNICA PARA O MERCADO DA BELEZA

Foi a combinação entre ciência, natureza e uma boa dose de iniciativa que deu origem à Savana Amazônica, linha de cosméticos naturais criada por Eliana Fernandes, bióloga, pedagoga e mestre em produtos naturais. Depois de anos pesquisando plantas da região amazônica, Eliana decidiu transformar seu conhecimento em fórmulas voltadas para o cuidado da pele e dos cabelos, utilizando ingredientes sustentáveis. A ideia ganhou força durante a pandemia, quando ela aproveitou a quarentena para tirar o projeto do papel e criar produtos acessíveis, com identidade roraimense e resultados comprovados.

A empresa, apoiada pela Faperr (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Roraima) por meio dos programas Centelha e Inova Amazônia, apresentou resultados eficazes no tratamento de melasma, acne e oleosidade, conquistando espaço nas prateleiras de farmácias e drogarias de Boa Vista. A aceitação foi tão grande que consumidores de outros estados passaram a solicitar os produtos.

“Sempre acreditei no potencial dessa planta, mas faltava estrutura para transformar isso em produto. O apoio dos programas me deu base técnica, financeira e, principalmente, a confiança para empreender”, afirma Eliana.

A trajetória da Savana é marcada pelo apoio de dois importantes programas de incentivo à inovação: o Programa Centelha, executado em Roraima pela Faperr com apoio da Seadi (Secretaria Estadual de Agricultura, Desenvolvimento e Inovação), e o Inova Amazônia, uma iniciativa do Sebrae voltada à bioeconomia. Ambos oferecem capacitação, mentoria e recursos que permitiram transformar a pesquisa em um empreendimento sustentável e promissor.

Hoje, com identidade própria e um público fiel, a Savana se consolida como um exemplo de inovação com raízes roraimenses, combinando ciência, natureza e empreendedorismo feminino. A marca já projeta a expansão da produção e o lançamento de novos produtos voltados para o mercado da beleza natural.



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE MINERAIS CRÍTICOS E ESTRATÉGICOS 2025

INTERNATIONAL SEMINAR ON
CRITICAL AND STRATEGIC MINERALS

28 DE MAIO *Evento Presencial* *Brasília - DF*

Em tempos de transformação ecológica, os minerais críticos e estratégicos estão no centro de debates em todo o mundo. O Seminário Internacional de Minerais Críticos e Estratégicos, organizado pelo IBRAM, abordará uma extensa gama de temas para compreender o papel desses minerais na transição energética global.

**GARANTA A
SUA VAGA!**



Patrocinador Diamante

Patrocinador Ouro

Realização



TABOCA



IBRAM
MINERAÇÃO DO BRASIL



Relações de confiança são essenciais para se desenvolver e crescer

Tanto na vida pessoal quanto profissional,
a confiança é essencial para a construção
de um relacionamento sólido e saudável.



GESTÃO DE SEGURIDADE



“SE NÃO FOR PARA FAZER DIREITO É MELHOR NEM FAZER”

REITORA ELEITA, TANARA LAUSCHNER, DIZ ESTAR PRONTA PARA OS NOVOS DESAFIOS NA UFAM

POR JUAREZ FILHO IMAGEM DIVULGAÇÃO

Tanara Lauschner, reitora eleita da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), traz na bagagem uma gama de experiências profissionais. Engenheira eletricitista de formação, a nova reitora tem uma trajetória consolidada na Ufam, onde atua como professora titular e pesquisadora. Conhecida por sua atuação política, especialmente em pautas relacionadas à tecnologia e defesa da educação pública, Tanara é professora do Instituto de Computação da Ufam com doutorado em Informática. A nova gestora da Ufam traz na bagagem ainda uma gama de experiências nacionais e internacionais: foi subsecretária de Ciência e Tecnologia para a Amazônia, conselheira do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), participando de várias discussões em eventos dentro e fora do país, nessa área de governança da internet, além de ser Diretora de Relações Profissionais da Sociedade Brasileira de Computação.

Defensora de pautas como a modernização da gestão universitária com foco em inovação, transparência e inclusão; da qualidade na graduação, pós-graduação, e no incremento de mais projetos de pesquisa e extensão, Lauschner deve tomar posse no início de julho, e desde já se propõe a tornar a Ufam mais próxima da comunidade para tratar de assuntos de interesse da região.

QUAL VAI SER A PRIORIDADE DA SUA GESTÃO COMO REITORA DA UFAM?

No início da gestão vamos priorizar questões de infraestrutura, de água, luz, internet, de transporte, de segurança, algo que atinge toda a universidade. Mas também vamos melhorar e modernizar a nossa administração. Vamos trabalhar no combate ao assédio que existe dentro da universidade. E, ainda nesse início, vamos fazer ações para que tenhamos cursos de graduação e pós-graduação de excelência.

"NO INÍCIO DA GESTÃO VAMOS PRIORIZAR QUESTÕES DE INFRAESTRUTURA."

EM CAMPANHA, SUA CHAPA SE COMPROMETEU COM A VALORIZAÇÃO DA PÓS-GRADUAÇÃO E DA PESQUISA DE EXCELÊNCIA, ALÉM DE PROPOR A IMPLEMENTAÇÃO DE UMA POLÍTICA INDÍGENA, VOLTADA A GARANTIA DOS DIREITOS DOS POVOS ORIGINÁRIOS E À PROMOÇÃO DE AÇÕES AFIRMATIVAS. COMO A SENHORA VAI TRATAR ESSAS QUESTÕES?

São duas questões distintas, vou começar pelo final, pela política indigenista. Nós estamos num Estado que é o mais indígena do país. Vemos iniciativas de inclusão, de inserção, de políticas afirmativas para os indígenas, em universidades de outros Estados, que a gente não tem ainda aqui na Ufam. Então, nós precisamos, por exemplo, fazer um vestibular indígena. Precisamos ter cursos que valorizem os saberes tradicionais. Precisamos valorizar a questão da língua. Imagina, se a gente vai para um país onde não conhece a língua, tem dificuldade, né? Os indígenas são obrigados a aprender a nossa língua, que muitas vezes não é a língua que eles aprenderam primeiro. Então, essas questões a gente precisa levar em consideração, não pensar só na graduação. Como a gente integra, por exemplo, a extensão com uma maior participação da cultura indígena, das políticas indígenas dentro da universidade? Então, são programas que a gente pretende fazer.

Em relação à pesquisa e a pós-graduação, a gente quer separar a pró-reitoria de pesquisa da pós-graduação. Precisamos fazer ações para que os nossos programas de pós-graduação melhorem as suas notas junto à Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), que é quem avalia os programas de pós-

graduação. As notas vão de 3 a 7. Hoje, a gente não tem nenhum programa nível 7 aqui na Ufam. Temos um programa só de nível 6 - que é o nosso aqui do Programa de Pós-Graduação em Informática (PPGI) - e nenhum nível 5. A gente tem programas nível 4 e nível 3. Então, se faz necessário colocar um programa de fortalecimento da nossa pós-graduação que visa apoio para participação em eventos, apoio para publicação, tradução, workshops de avaliação, a participação dos nossos professores e professoras em fóruns, em conselhos nacionais. Isso é muito importante para que se consiga mostrar o quanto a realidade de pesquisa é diferente aqui na nossa região. A avaliação não pode ser com o mesmo sarrafo. A avaliação que é feita para o sudeste, não pode ser a mesma avaliação que é feita para o norte. Isso não quer dizer que a gente não tenha a mesma qualidade. Não é isso. A gente tem uma realidade diferente que precisa ser olhada de maneira diferente

"TUDO QUE TENHO, TUDO QUE SEI, DEVO À UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS."

A SENHORA PROPÔS MUDANÇA SIGNIFICATIVA NA LIDERANÇA DA UFAM, REFLETINDO O DESEJO DA COMUNIDADE ACADÊMICA POR UMA GESTÃO MAIS PARTICIPATIVA E ALINHADA COM OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DA EDUCAÇÃO SUPERIOR. DE QUE FORMA PRETENDE ATUAR COM ESSE TEMA?

Eu acho que a gente tem um modo de gestão da Ufam e das universidades federais, em geral, que é um modo participativo. A gente tem todas as decisões, praticamente, que são colegiadas. Tem colegiados em vários níveis, até chegar no colegiado maior, que é o Conselho Universitário. Nós temos transparência, principalmente em relação ao que é exigido por lei. Mas no dia a dia, as pessoas acabam conhecendo pouco do que a universidade está fazendo para dentro e para fora. Então, essa nossa comunicação interna precisa melhorar e a gente pode usar não só mecanismos mais modernos, mas ferramentas modernas de comunicação também. Vou te dar um exemplo simples. A gente fez um vídeo falando do processo da lista tríplice e depois como é que ia ser a nomeação. E todo mundo agradeceu muito, porque não era algo que eles sabiam como acontecia, como fazia. E é uma coisa simples, de certa forma, de ser comunicada.

SUA INTENÇÃO É MODERNIZAR A COMUNICAÇÃO, APROVEITANDO AS NOVAS MÍDIAS, PARA MOSTRAR EFETIVAMENTE A UFAM PARA A SOCIEDADE?

A Ufam faz muita coisa, porém a sociedade sabe pouco do que é feito. A gente precisa comunicar melhor e isso passa por uma relação melhor da reitoria e da nossa gestão superior com os órgãos de imprensa. Precisamos articular melhor, no sentido de não só a reitora falar os assuntos da universidade, mas todas as pessoas que participam dos projetos terem mais espaço e com isso a gente possa divulgar mais o que a gente faz.

"FIZEMOS O PROGRAMA PRO-AMAZÔNIA, QUE DESTINOU QUASE R\$ 1 BILHÃO DE RECURSOS PARA A REGIÃO AMAZÔNICA."

NO INÍCIO DA ENTREVISTA, A SENHORA FALOU DOS PROBLEMAS DE INFRAESTRUTURA QUE A UFAM ENFRENTA, ENVOLVENDO ENERGIA, ÁGUA, SEGURANÇA, INTERNET, LIMPEZA, ENFIM, TUDO QUE FAZ PARTE DO CAMPUS. DE QUE FORMA PRETENDE TRATAR ESSAS QUESTÕES?

Estamos passando por esse processo de transição, e vamos receber um diagnóstico da gestão, em relação a cada uma dessas situações. Como a gente estava fora da gestão, não sabia, de fato, a situação. Mas o que posso dizer é que são situações distintas, que têm soluções diferentes. A gente sempre tem que olhar não só o Campus Manaus, porque temos mais cinco unidades que não ficam aqui. Temos por exemplo, a Faculdade de Enfermagem, o Hospital Universitário Getúlio Vargas (HUGV), temos a Faculdade de Medicina. São realidades diferentes também. Então, por exemplo, a gente tem muito problema de falta de manutenção em ar-condicionado e precisa ter sempre cobertura de contrato para isso.

QUANTO A QUESTÃO DE QUEDA DE ENERGIA. QUAIS AS SOLUÇÕES PARA DIMINUIR ESSAS QUEDAS?

Uma delas é a manutenção, outra é a poda de árvores. São situações que a gente pode diminuir, mas a gente precisa, de fato, de uma nova subestação aqui no campus para que a nossa rede fique isolada, fique somente na rede de alta tensão. E aí a gente vai ter essa diminuição de quedas de energias externas

E SE AUMENTAR OS GERADORES?

É uma possibilidade. Nós temos geradores aqui nesse prédio que a gente está, e aqui ao lado também, no Centro de Informação e Comunicação (Cetic). A reitoria tem gerador em alguns prédios. No entanto, isso não é uma solução, nem do ponto de vista

ambiental, porque temos geradores a diesel. Precisamos, de fato, pesquisar, fontes alternativas de energia, e ver o que se pode usar dentro da universidade. Temos projeto com luz solar, mas a luz solar gera energia enquanto tem sol. Então, são soluções que precisam ser pesquisadas, avaliadas. Agora, essas soluções de longo prazo, todas elas, precisam de mais recursos, e esse recurso a universidade não tem. O recurso que a universidade recebe pela Lei Orçamentária Anual (LOA), é muito limitado, está praticamente todo comprometido com a folha de pagamento. A universidade recebe por ano quase R\$ 1 bilhão do Ministério da Educação e Cultura (MEC), só que 80% desse valor está comprometido com o pagamento dos servidores.

A UNIVERSIDADE TEM MUITAS DÍVIDA ANTIGAS?

Algumas sim, mas nada que inviabilize algum tipo de serviço. Tenho conhecimento de algumas dívidas que a universidade tem, porém, nesse processo de transição a gente vai saber como está sendo negociado, e a nova reitoria vai dar encaminhamento nisso. A gente precisa sempre negociar, sempre conversar. O que se precisa de fato é buscar mais recursos. Porque em todas essas ações que estamos falando, tem que buscar recursos. E a gente sabe que dependendo da natureza da ação, vai buscar o recurso em determinado lugar, porém, tem lugares que vai conseguir e tem outros que você não vai conseguir.

"PRECISAMOS FAZER AÇÕES PARA QUE OS NOSSOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO MELHOREM AS SUAS NOTAS JUNTO À CAPES."

EXISTE ALGUM PROGRAMA, OU ALGUM INCENTIVO, POR PARTE DA UNIVERSIDADE PARA TENTAR FOMENTAR O SETOR PRIVADO, SEJA NA ÁREA DA INDÚSTRIA, QUE POR OBRIGATORIEDADE TEM A QUESTÃO DO P& D, NA ÁREA DE INFORMÁTICA, OU NO COMÉRCIO, JÁ QUE O ESTADO TEM UMA ATIVIDADE COMERCIAL BASTANTE FORTE?

Vamos começar pelo P&D da lei de informática. Nossa legislação da região não obriga que o recurso seja só em informática. Quem define as áreas onde o recurso deve ser investido é o Capda (Comitê das Atividades de Pesquisa e Desenvolvimento na Amazônia). Existe uma obrigatoriedade de 0,4% nas instituições públicas. Mas não tem uma obrigatoriedade na Ufam. A gente tem alguns projetos, mas todos são recursos atrelados a um projeto que tem início, meio e fim. Então, é importante ter uma relação boa, uma tradição boa de trabalho para que as empresas continuem colocando recurso.



TEM ALGUM PROJETO ESPECÍFICO QUE A SENHORA TEM INTERESSE?

A gente quer trazer uma unidade Embrapii, uma Organização Social (OS) do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) que faz essa aproximação entre os Institutos de Ciência e Tecnologia (ICTs) e a Ufam, com a iniciativa privada e o governo, onde cada um entra com um terço do recurso para desenvolver projetos. Só que esse um terço do recurso da universidade não é financeiro, não precisa necessariamente ser financeiro. Então você coloca a hora-aula de professor, estrutura de laboratório, etc., e isso tudo pode entrar no projeto como um terço nesse cálculo geral. A universidade tem vários outros projetos menores com outras empresas e a gente tem também uma capacidade gigantesca na área de inovação e empreendedorismo. Quando você fala do comércio, do serviço, se faz necessário incentivar isso aqui dentro da nossa instituição para que a gente tenha incubadoras que funcionem. Se pode trazer, por exemplo, um polo tecnológico para a Ufam, ou mesmo que não seja dentro do campus, mas que seja fruto de parceria com outras instituições. Com um polo tecnológico forte no Estado, se pode captar recursos e com isso incentivar startups, novas empresas.

"A GENTE NÃO PODE ACHAR QUE A EMPRESA VAI QUERER COLOCAR UM RECURSO NA UNIVERSIDADE SE ELA TAMBÉM NÃO TIVER UM RETORNO."

SE TRATANDO DE EMPRESAS JUNIORES (EJS), EXISTEM UMA OBRIGATORIEDADE?

Tem uma legislação dentro da universidade permitindo que os cursos tenham suas empresas. E isso é algo importante para que o aluno já tenha essa experiência de mercado, saber precificar um trabalho, fazer contatos com algumas pessoas. Muitas pessoas dizem que a pesquisa feita na universidade não é aplicada, não vira solução. Mas, para uma pesquisa, feita aqui, virar solução, produto, ser transformada em nota fiscal, não depende só da Ufam. A universidade faz a parte da pesquisa, a pesquisa aplicada também, mas precisa haver o interesse do governo, com legislações que incentivem a iniciativa privada a investir. Precisa ter, de fato, um ambiente de inovação. A Ufam precisa estar aberta para isso e precisa fazer parte disso, mas ela não consegue sozinha.

QUAL O GRANDE DESAFIO DE SUA GESTÃO NESSA QUESTÃO?

Buscar fortalecer essas parcerias e iniciar outras. Eu particularmente já tenho uma boa experiência nisso, até pela minha área de atuação, que é a de computação. A gente já desenvolveu vários projetos com iniciativa privada. Um ponto importante e que gente nunca pode abrir mão, é que todos os projetos têm que ser feitos numa relação em que fique muito bem especificado qual o retorno que tem para a sociedade, para a universidade e a empresa. A gente não pode achar que a empresa vai querer colocar um recurso na universidade se ela também não tiver um retorno. Então, a gente precisa alinhar essas expectativas, atender os princípios e os interesses da universidade e construir parcerias.

"NÓS PRECISAMOS, POR EXEMPLO, FAZER UM VESTIBULAR INDÍGENA. PRECISAMOS TER CURSOS QUE VALORIZEM OS SABERES TRADICIONAIS."

FALE SOBRE A EXPERIÊNCIA DE SUBSECRETÁRIA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA PARA A AMAZÔNIA.

A ministra Luciana Santos me convidou para tomar posse, fui cedida pela Ufam à Brasília, tomei posse, estruturei a subsecretaria toda, fizemos o programa Pro-Amazônia, que destinou quase R\$ 1 bilhão de recursos para a região amazônica. Tem mais um edital que está na rua agora. E sempre com a prioridade das instituições daqui da região Norte, dos pesquisadores e pesquisadoras. Acho importante falar de algumas experiências, não somente da subsecretaria de Ciência e Tecnologia, que particularmente, ou especificamente, me deu um conhecimento maior sobre Brasília, onde conheci mais de perto vários ministros, secretários, não só do MCTI, mas dos outros ministérios que a gente se relacionava, assim como, o próprio CNPq, a Capes e a Finep, que gerencia o recurso do Fndct. Então, a gente sabe que tem a relação institucional, mas tem também aquela pessoa que já te conhece, de repente, para perguntar uma coisa ou outra. Então, isso foi muito importante, além do aprendizado. Além disso, fui por quase sete anos, conselheira do Comitê Gestor da Internet no Brasil, e isso também foi uma experiência importante, porque participei de várias discussões em eventos internacionais, representando o Brasil nessa área de governança da internet. A Rede Nacional de Pesquisa (RNP) é responsável pela internet nas instituições, não só federais, mas na rede de pesquisa, o backbone. O novo diretor da RNP, é meu amigo pessoal. Então, isso também são coisas que



a gente aproveita. Além disso, sou diretora da Sociedade Brasileira de Computação, cargo que vou deixar. Não vou participar da eleição, que vai ocorrer em agosto no Congresso, não tenho como continuar. Se não for para fazer direito é melhor nem fazer.

A SENHORA FOI ELEITA PELA UFAM COMO REITORA, MAS A DECISÃO FINAL É DO PRESIDENTE LULA. QUAL A SUA EXPECTATIVA COM RELAÇÃO A ISSO?

O presidente Lula tem a obrigação de escolher dentro da lista tríplice. Pode ser qualquer um deles. Isso é legal. O presidente Lula, assim como a ex-presidente Dilma, têm como premissa que reitor eleito é reitor empossado. Então, eles em momento nenhum deixaram de nomear o reitor que tinha sido eleito pela instituição.

O SEU MANDATO É DE QUATRO ANOS, DE 2025 A 2029. COMO A SENHORA SE SENTE ELEITA PARA SER REITORA DA UNIVERSIDADE?

Eu sempre falo que tudo que sou, tudo que tenho, tudo que sei, devo à Universidade Federal do Amazonas. Primeiro, fiz minha graduação aqui, meu mestrado, assim como o mestrado interinstitucional. Me formei como pessoa, politicamente, dentro da Ufam, onde entrei como professora, fiz o doutorado, tenho toda essa participação em conselhos nacionais e internacionais, e, tudo isso, é fruto do meu trabalho dentro da Ufam. Então, me sinto honrada pela oportunidade de devolver um pouco para a Ufam, de tudo aquilo que ela já me deu e que deu para tanta gente. Segundo, é um desafio muito grande estar reitora eleita, porque a Ufam é uma administração complexa, tem uma grande capilaridade, com um campus principal e unidades acadêmicas tanto na capital quanto no interior do estado, com um orçamento pequeno. Então, precisa ter muita estratégia de gestão, porque tem problemas que a gente não consegue resolver só com orçamento, tem que resolver melhorando a gestão mesmo. Daí a necessidade buscar mais orçamento, porque a gente precisa conseguir cumprir, eu acho que esse que é o grande compromisso, as propostas que nós colocamos para a comunidade.

A SENHORA VAI COMANDAR UM CONTINGENTE EM TORNO DE 30 MIL ALUNOS, ENTRE GRADUAÇÃO PRESENCIAL, EAD, PÓS-GRADUAÇÃO. SE SENTE PREPARADA?

A gente tem essa responsabilidade de ter a qualidade na graduação, na pós-graduação, de ter mais projetos de pesquisa, de extensão, de trabalhar mais próximo das unidades acadêmicas, apoiando a administração. Como eu falei, a Ufam é muito complexa. A gente está (na entrevista) numa unidade acadêmica, que é o Instituto de Computação (Icomp), que tem a direção dele, eleita pela comunidade daqui, cabendo ao reitor nomear os cargos mais próximos: de pró-reitores, diretores dessas pró-reitorias e trabalha em conjunto com as unidades acadêmicas. Outra coisa importante, a reitoria só nomeia pessoas da casa, ou outro servidor federal, que seja cedido pelo seu órgão de origem. Isso é bom para a democracia

da universidade, para a gestão participativa da Ufam, que tem bastante independência.

QUAL O DIFERENCIAL COMPETITIVO, EM TERMOS DE MERCADO, EM SER ALUNO DA UFAM EM RELAÇÃO AO ALUNO DA FACULDADE PARTICULAR?

Normalmente, o que a gente vê no mercado é que o diploma da Universidade Federal, é um diploma muito valorizado em relação ao mercado. Em relação a diferencial, eu não acho que haja uma concorrência entre universidades. Tem uma legislação de credenciar curso, credenciar universidade, essa legislação precisa ser cumprida e tem que beneficiar o país. Quanto ao diferencial de uma universidade federal ou mesmo de uma universidade pública, depende da universidade. Aqui na Ufam, o aluno tem curso gratuito, tem ações afirmativas para possibilitar que ele continue com uma assistência estudantil, que é a política de cotas. A Ufam tem o ensino na sala de aula, que é importante, também a pesquisa e a extensão, que são importantes. O aluno da Ufam tem a possibilidade de vivenciar isso tudo, de vivenciar o ensino com a pesquisa, com a extensão, com a inovação, dependendo da característica do curso que ele faz. Tem cursos voltados para a comunidade, outros para empreendedorismo. Então, eu acho que essa formação mais completa é um diferencial importante dentro das universidades federais. E esse envolvimento também com a participação na decisão, com os espaços colegiados. Você tem sempre a garantia da participação discente em todas as decisões e isso é algo que também diferencia essa formação como cidadão, dessa formação política, entender como a Universidade Federal funciona. Acho que esse conjunto de atividades acabam formando um bom profissional. E aí, se é melhor, se é pior, isso aí já é uma coisa mais complicada da gente entrar nesse ranqueamento.

ESSE DIFERENCIAL DEPENDE MUITO DO ALUNO, DELE SABER APROVEITAR?

É, às vezes sim, às vezes não. O aluno bom, aquele dedicado, estudioso, ele vai se formar bem em qualquer lugar, se não atrapalharem muito ele. Mas se ele estiver num local com qualidade, com mais oportunidades, ele vai se formar melhor. Por exemplo: aquele aluno que tem uma deficiência na sua formação, não teve uma formação fundamental no ensino médio tão forte, que vai ter dificuldades num curso superior, ele vai ter que superar essas dificuldades. Então, a gente tem as ferramentas de apoio dentro de uma universidade federal para que esse aluno se torne um bom profissional.





TARIFAÇÃO TRUMP MOSTRA OPORTUNIDADES DE EXPORTAÇÃO PARA A AMAZÔNIA

DENTRE OS PRODUTOS QUE PODEM SER IMPACTADOS, OS ELETROELETRÔNICOS E MOTOCICLETAS GANHAM DESTAQUE

POR KARLA XIMENES IMAGEM DIVULGAÇÃO

No início do mês de abril (dia 2), o presidente Donald Trump anunciou novas regras para os países que mantêm exportação de produtos para os Estados Unidos, o que ficou conhecido como “Tarifação Trump”. Dentre as medidas, a cobrança de taxas entre 10% e 50% sobre produtos importados, englobando mais de 180 países. Apesar do anúncio, oito dias depois o republicano voltou atrás e congelou essa medida por 90 dias, com exceção da China, um rival histórico do país, que passou a ser taxada em 135%.

Desde o período eleitoral, Trump já divulgava a implementação dessas novas taxas como uma forma estratégica de proteger a indústria dos Estados Unidos. Ele diversificou em dois tipos de taxação: recíprocas, aplicadas a países com os quais os EUA consideram que existem práticas comerciais desleais ou desequilíbrio comercial





severo (no caso da China), e, as básicas, aplicadas de forma mais generalizada, com base em motivos de segurança nacional ou para proteger setores industriais estratégicos, como o aço e o alumínio (onde o Brasil se enquadra).

O tarifaço foi criado como uma medida protecionista, para corrigir déficits comerciais e isolar a economia norte-americana. Em seu discurso, o presidente afirmou que essas tarifas promovem mais empregos para os estadunidenses e maior produtividade local. Essas recentes tarifas acenderam um sinal de alerta para o Polo Industrial de Manaus (PIM) e para a Zona Franca de Manaus (ZFM). Ainda em fase de negociação e sem definição conclusiva, as taxas foram adotadas como uma estratégia de pressionar acordos comerciais, principalmente com países asiáticos.

EM SEU DISCURSO, O PRESIDENTE TRUMP AFIRMOU QUE ESSAS TARIFAS PROMOVEM MAIS EMPREGOS PARA OS ESTADUNIDENSES E MAIOR PRODUTIVIDADE LOCAL

A ECONOMIA AMAZÔNICA

Brasil permanece com a taxa básica de 10% sobre as importações, sendo um dos países com a menor taxação. No contexto Amazônico, onde está localizada a Zona Franca de Manaus, dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (MDIC) demonstram que os EUA foram o terceiro país consumidor das exportações do Amazonas, no ano de 2024, com destaque para os produtos automobilísticos, em especial veículos de duas rodas. A ZFM está sujeita a ser impactada, não exatamente de forma negativa.

“Na economia amazonense, está o Polo Industrial de Manaus (PIM), que faturou R\$204,4 bilhões em 2024. Apenas 1,6% desse valor correspondeu a exportações, relevando uma estrutura produtiva voltada para majoritariamente ao mercado interno. O setor de duas rodas, um dos mais tradicionais da ZFM, representa 23% das exportações locais e é justamente o mais integrado ao mercado norte-americano”, explica o economista Roderick Castello Branco. O Amazonas exportou cerca de US\$ 1 bilhão no ano passado, sendo que apenas US\$ 104 milhões foram para os Estados Unidos.

Os principais produtos enviados foram motocicletas (26%) e óleos de petróleo ou minerais betuminosos (24%). Apesar da perda da competitividade frente aos produtos fabricados em território americano, há um ganho relativo em relação a países como a China, Japão e Vietnã – que agora enfrentam tarifas mais pesadas. Mesmo assim, o impacto

é restrito. Das quase 1,84 milhões de motocicletas produzidas no ano passado, apenas 44 mil unidades foram exportadas – pouco mais de 2% da produção total. “O impacto direto no Polo tende a ser limitado. Mas há reflexos indiretos: estamos inseridos em cadeias globais de valor, e distorções no comércio internacional afetam custos, insumos e planejamentos de empresas”, avalia Roderick.

NOVAS PORTAS SE ABREM PARA A ZFM

Apesar de instabilidade gerada pelas novas tarifas norte-americanas, representantes dos setores industriais e de desenvolvimento do Amazonas veem possibilidades de crescimento e modelagem produtiva na região.

De acordo com a Sedecti (Secretaria de Desenvolvimento, Ciência, Tecnologia e Inovação do Amazonas), a taxa elevada sobre os setores eletroeletrônicos, automotivo, metalúrgico e têxtil, aliada à permanência das alíquotas reduzidas para produtos brasileiros, pode favorecer o fortalecimento da base industrial amazonense, impulsionando as



“O TARIFAÇO ACABA FAVORECENDO A POLÍTICA INDUSTRIAL DO PAÍS, DESDE QUE NÓS TENHAMOS CONDIÇÕES, DE FATO, A PARTIR DO BRASIL E DA ZONA FRANCA, DE ATENDER O MERCADO AMERICANO”

exportações regionais para os Estados Unidos. A Zona Franca de Manaus entra como um caminho para empresas globais que desejam fugir do Tarifaço, pois seus atributos de competitividade, incentivos fiscais e capacidade de produção são fatores definitivos para escapar desse tarifaço.

Para abraçar novos países negociantes, a Sedecti ratifica a importância de ações estratégicas para combater problemas e aumentar a competitividade nacional. Entre as recomendações, encontram-se: investimento nas infraestruturas de logística; capacitação de melhor mão-de-obra, auxiliando trabalhadores para atender demandas de exportação e promover, sempre, a ZFM e o Brasil como alternativas viáveis para empresas internacionais exportadoras. Empresas asiáticas já consultaram a Sedecti, Suframa (Superintendência da Zona Franca de Manaus) e Sudam (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia) para entenderem a dinâmica dos incentivos fiscais, a fim de utilizar a ZFM como uma ferramenta de venda para os Estados Unidos.



A TAXAÇÃO ELEVADA ALIADA À PERMANÊNCIA DAS ALÍQUOTAS REDUZIDAS PARA PRODUTOS BRASILEIROS, PODE FAVORECER O FORTALECIMENTO DA BASE INDUSTRIAL AMAZONENSE

Para o presidente executivo da Eletros (Associação Nacional de Fabricantes de Produtos Eletroeletrônicos), Jorge Nascimento, a nova taxa de importação pode ser positiva para o Brasil. “O tarifaço acaba favorecendo a política industrial do país, desde que nós tenhamos condições, de fato, a partir do Brasil e da Zona Franca, de atender o mercado americano”. Ele explica que, para melhor participação desse mercado internacional na Zona Franca de Manaus, existem algumas regras a serem modificadas e atualizadas para que acelere o processo de entrada de insumos no país, já que aumentariam as relações de negociações e a ascensão da ZFM. Existem vários pontos estratégicos para a região norte entrar como um caminho de investimento para novas empresas.

A ZFM possui anos de experiência no processo industrial, mão-de-obra qualificada e a Amazônia está bem-posicionada geograficamente, já que o país norte-americano é perto do norte brasileiro. “Porto Seguro do investidor”, Jorge afirma que o Norte acaba alcançando o olhar do mercado estadunidense devido às questões estratégicas de território e resultados das melhorias contínuas da ZFM. A Amazônia possui recursos naturais que são um diferencial na hora da escolha. E é uma grande oportunidade, também, o Brasil ser fornecedor de produtos, caso essa guerra comercial não cesse.

As empresas estão monitorando a situação para tomar decisões estratégicas. Há muito a ser analisado ainda, pois essas tarifas estão em fase de adaptação, já que Trump ainda não concretizou, de fato, essas tarifas. Para o Cieam (Centro da Indústria do Estado do Amazonas), o atual cenário representa um ponto de virada. Além de pensar em soluções emergenciais, o polo industrial deve reavaliar seu modelo produtivo. “É uma janela estratégica para fortalecer a resiliência da indústria local, pensar em inovação, sustentabilidade e remodelagem de toda cadeia produtiva”, concluiu o presidente executivo, Lúcio Flávio.

POSSÍVEIS DESAFIOS A SEREM ENFRENTADOS

Preocupações entram em cena. O presidente da Eletros pontua que, com esse isolamento agressivo da indústria estadunidense, consequentemente aumenta o potencial das fábricas norte-americanas. Além disso, o valor da moeda cresce de maneira esporádica dificultando os custos de produção e a necessidade de constante aprimoração da infraestrutura e logística das empresas para receberem os investidores.

Um desafio é a forte dependência de insumos estrangeiros. Com a elevação do dólar, o custo desses materiais sobe, pressionando a cadeia produtiva. “A indústria local importa para transformar. Qualquer distorção no fluxo global de insumos impacta significativamente nos custos, prazos e competitividade”, afirma Lúcio Flávio. Segundo ele, algumas empresas já avaliam a revisão de contratos e buscam alternativas logísticas para driblar possíveis gargalos. “Mas substituir fornecedores globais não é algo que se faz do dia para noite. É um



processo complexo e lento”, completou.

O atual cenário internacional também gera um ambiente de incerteza prejudicial à tomada de decisões. O temor é que, diante da instabilidade, empresas adiem investimentos, segurem contratações e evitem apostar em novos mercados. “Ambientes voláteis dificultam o planejamento de longo prazo e aumentam o risco das operações”, diz o economista Roderick Castello Branco.

RESILIÊNCIA E ADAPTAÇÕES

Apesar dos desafios, a indústria amazonense tem histórico de adaptações e contextos adversos – como mostrou durante crises econômicas e as recentes estiagens severas. O momento exige articulação com o Governo Federal, investimento em inovação e reestruturação da matriz produtiva local.

“O tarifaço impõe desafios, mas também, força uma reflexão estratégica. É hora de fortalecer a resiliência, buscar sustentabilidade e explorar novos mercados com inteligência” - finaliza Lúcio Flávio.

Enquanto o cenário internacional continua em movimento, o Amazonas precisa equilibrar ousadia e cautela para transformar instabilidade em estratégia, e reafirmar seu papel como polo dinâmico na economia brasileira.

“Predomina em nossa sociedade e que limita o avanço de mudanças mais profundas para o sexo feminino”, comenta a jornalista, escritora e empreendedora Cristina Monte.

Segundo a especialista em empreendedorismo, superar essa ▶



AINDA TEM MUITA ÁGUA PARA PASSAR DEBAIXO DESSA PONTE

desigualdade de base é essencial para que o empreendedorismo feminino ganhe força na Amazônia Legal. Cristina Monte aponta como caminho, para garantir que as mulheres tenham acesso equitativo a oportunidades, uma mudança estrutural, que envolva não apenas políticas públicas, mas também transformações culturais e sociais.

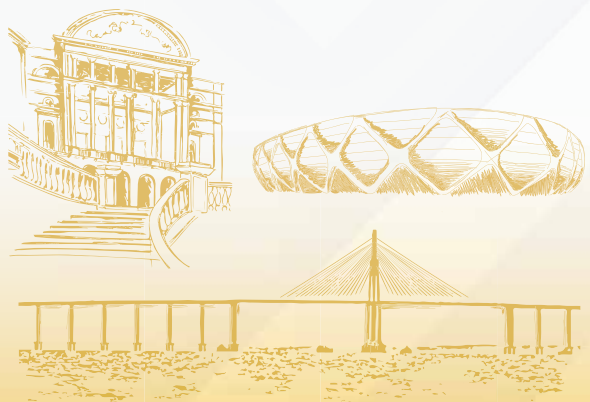
Nesse contexto, o estímulo ao empreendedorismo feminino pode ser um vetor estratégico. Para isso, é fundamental facilitar o acesso a linhas de crédito e programas de financiamento específicos para mulheres empreendedoras; expandir a oferta de creches e escolas públicas de qualidade, o que libera tempo para que as mães possam se dedicar aos seus negócios; valorizar as competências femininas em programas de capacitação e liderança, reconhecendo o olhar mais holístico e sensível que muitas mulheres trazem à gestão e à tomada de decisão; estimular redes de apoio e mentorias voltadas ao fortalecimento de negócios liderados por mulheres.

Cristina Monte avalia que quando a sociedade reconhece a potência do empreendedorismo feminino e cria condições reais para que ele floresça, todos ganham: a mulher, sua família, sua comunidade e a economia regional.

Tudo em um só Lugar!



- ⚡ Elétrica
- 🖨️ Tintas
- 🏠 Casa&UD
- 🌊 Mangueiras
- 🏗️ Proteção
- 🔧 Ferramentas
- ⚙️ Máquinas
- 🔨 Construção
- 🔩 Marcenaria
- 🚚 Correias
- 🧹 Limpeza
- 🚤 Navegação



JAPIIM

C. NOVA

CENTRO

PARQUE 10



COMÉRCIO NO AMAZONAS CRESCE ACIMA DA MÉDIA

O VOLUME DE CRESCIMENTO É O MAIOR REGISTRADO DESDE 2012

POR JUAREZ FILHO IMAGEM ARQUIVO PIM

As vendas no comércio do Amazonas cresceram 5,1%, em 2024, acima da média nacional, de 4,7%, o maior crescimento desde 2012. Os dados são da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), que foram divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Já em relação ao comércio varejista ampliado, que inclui, as atividades de veículos, motos, partes e peças, material de construção e atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo, o volume de vendas no Amazonas atingiu 8,3%, no ano passado, mais que o dobro da média nacional, que fechou com alta de 4,1%.

Com o setor sendo responsável por 57,5% da arrecadação de ICMS, as expectativas são otimistas, mas cautelosas, segundo a Associação Brasileira de Bares e Restaurantes (Abrasel). No curto prazo, a tendência é de continuidade no crescimento das vendas, impulsionado por maior movimentação econômica, turismo e aumento do consumo local.



♥ EXPORTAÇÕES

US\$ 970,4M

Vendas para outros países

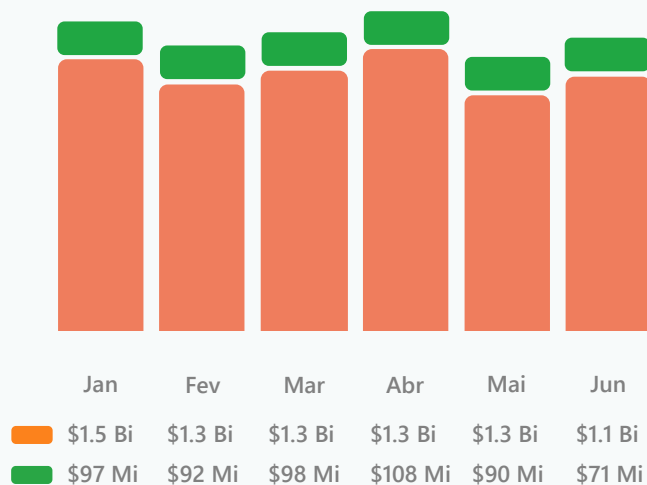
🏠 IMPORTAÇÕES

US\$ 16.14 Bi

Compras de outros países

Importações
Exportações

Evolução Mensal da



INVESTIR EM CAPACITAÇÃO É ESSENCIAL

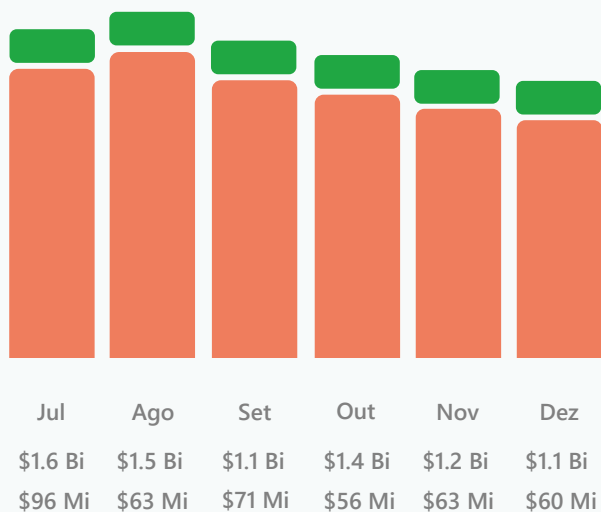
Em 2024, a economia de Manaus e do Amazonas apresentou crescimento em diversos setores, destacando o Polo Industrial de Manaus (PIM) com faturamento recorde e o comércio com um aumento nas vendas. De acordo com a Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação (Sedecti), o Amazonas atingiu, no ano passado, o maior volume de importações dos últimos sete anos, totalizando US\$ 16.1 bilhões, superando os US\$ 12.6 bilhões de 2023, com a manutenção de quase 130 mil postos de trabalho diretos.

O faturamento do PIM também alcançou um recorde de R\$ 204,39 bilhões, representando um crescimento de 16,24% em relação ao ano anterior. “A nossa expectativa é que a ZFM continue atraindo novos investimentos, gerando mais empregos e melhorando a arrecadação. Importante registrar que desde 2019 a curva é crescente na aprovação de novos projetos”, destacou Serafim Corrêa, secretário da Sedecti.

DESTAQUE

O setor comercial, especialmente o de alimentação fora do lar, tem sido um dos principais motores de geração de empregos formais em Manaus. Em um estado onde o turismo e o consumo local têm papel central na economia, bares, restaurantes, supermercados e o comércio varejista em geral empregam milhares de trabalhadores. “A Abrasel, por sua vez, tem promovido parcerias com instituições como o Senac (Serviço Nacional do Comércio), Ifam (Instituto Federal do Amazonas) e Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio ao Empreendedor) para qualificação contínua da mão de

Corrente de Comércio



CORRENTE DE COMÉRCIO

US\$ 17.1Bi

Total de operações comerciais

SALDO DA BALANÇA

(US\$ 15.17 Bi)

Déficit comercial

PARA AUMENTAR A PRODUTIVIDADE

obra, oferecendo cursos de boas práticas, atendimento ao cliente, manipulação de alimentos e gestão de negócios. Investir em capacitação é essencial para aumentar a produtividade e reduzir a rotatividade do setor”, afirma Franco Andrade, presidente da Abrasel no Amazonas.

Na questão de logística, as estiagens severas, como a que ocorreu em 2023-2024, impactam diretamente o abastecimento de insumos, encarecendo o frete e gerando desabastecimento pontual em diversos segmentos, inclusive alimentos perecíveis e bebidas. “A nossa dependência da logística fluvial e a limitada malha rodoviária agravam o cenário. Para o setor de alimentação, isso implica em aumento do custo de produção, impacto no CMV (Custo de Mercadoria Vendida) e, em muitos casos, inviabilidade de promoções ou estabilidade de preços. A Abrasel tem dialogado com autoridades locais e federais buscando incentivos fiscais e planos de contingência para minimizar esses impactos nos períodos críticos”.

Com o setor sendo responsável por grande parte da arrecadação de ICMS, parte desses recursos poderiam estar sendo aplicados para fomentar o comércio local e manter a competitividade. “Ainda sentimos a necessidade de maior retorno proporcional dos tributos pagos pelo setor. O comércio, especialmente o de serviços, é o maior gerador de ICMS no estado, mas carece de investimentos diretos em infraestrutura, segurança





pública, mobilidade urbana e qualificação profissional. A Abrasel tem defendido que parte desses recursos seja direcionada a políticas de incentivo fiscal, modernização da infraestrutura urbana e digitalização dos pequenos negócios, além da desoneração de produtos essenciais ao setor. O retorno adequado do ICMS é essencial para manter a competitividade do comércio local”.

O setor de alimentação fora do lar, o varejo de atacarejo, o comércio eletrônico e os serviços voltados à conveniência (como delivery) têm se destacado, segundo Andrade. “Em especial, bares e restaurantes que conseguiram se digitalizar e atender novas demandas de consumo cresceram significativamente, inclusive no interior do estado. A alimentação rápida com ticket médio acessível e o setor de bebidas artesanais também apresentaram expansão em faturamento e empregabilidade”.

EM 2024, O SETOR DO COMÉRCIO FOI RESPONSÁVEL POR **57,5% DA ARRECADAÇÃO DE ICMS NA LIDERANÇA**”



Considerando os desafios econômicos e as oportunidades de crescimento, as expectativas para o setor comercial em Manaus neste ano de 2025 e nos próximos anos são otimistas, mas cautelosas. “No curto prazo, a tendência é de continuidade no crescimento das vendas, impulsionado por maior movimentação econômica, turismo e aumento do consumo local. No médio prazo, esperamos maior estabilidade logística e avanços em políticas públicas voltadas ao setor, o que permitirá expansão e formalização de pequenos negócios. No longo prazo, com a consolidação de políticas de incentivo, inovação tecnológica e melhoria na infraestrutura de transporte, o comércio amazonense pode se tornar uma referência em desenvolvimento sustentável na região Norte. A Abrasel está

comprometida em ser ponte entre os empreendedores e o poder público, propondo soluções e impulsionando a economia do nosso estado”, conclui Franco Andrade, presidente da Abrasel no Amazonas.

MUNICÍPIOS

Em 2024, dos 62 municípios amazonenses 14 foram exportadores. Manaus concentrou cerca de 87,84% de todas as exportações realizadas no estado. Entre as cidades do interior, Presidente Figueiredo lidera o ranking com exportação de “ferros-ligas” (US\$ 105.3 milhões). Itacoatiara aparece em segundo, com a “soja” (US\$ 19 milhões); e Iranduba em terceiro, com madeira (US\$ 2.5 milhões). Manacapuru exporta mais “peixes congelados” (US\$ 2.5 milhões); e Tefé, “cocos, castanha do Brasil e castanha de caju, frescos ou secos, mesmo sem casca ou pelados” (US\$ 1.7 milhão).

Na importação, Itacoatiara foi quem mais importou, sendo o principal produto comprado os derivados de petróleo (US\$ 125.5 milhões). Silves, que explora gás natural e que vai abrigar usinas termelétricas, comprou mais “grupos eletrogêneos e conversores rotativos, elétricos” (US\$ 63.7 milhões). Coari importou US\$ 7.9 milhões em “turborreatores, turbopropulsores e outras turbinas a gás”; Iranduba US\$ 2.1 milhões com “chapas e tiras de alumínio, de espessura superior a 0,2 mm; e Nova Olinda do Norte, US\$ 3.3 milhões com aeronaves.

ARRECADAÇÃO




A arrecadação tributária no Amazonas em 2024 atingiu R\$ 18,3 bilhões, de acordo com a Secretaria de Estado da Fazenda do Amazonas (Sefaz/AM), acumulados entre impostos e taxas. Esse valor indica um crescimento na atividade econômica superior ao ano anterior, cujo valor foi de R\$ 16,4 bilhões. A estiagem vivida em 2024,

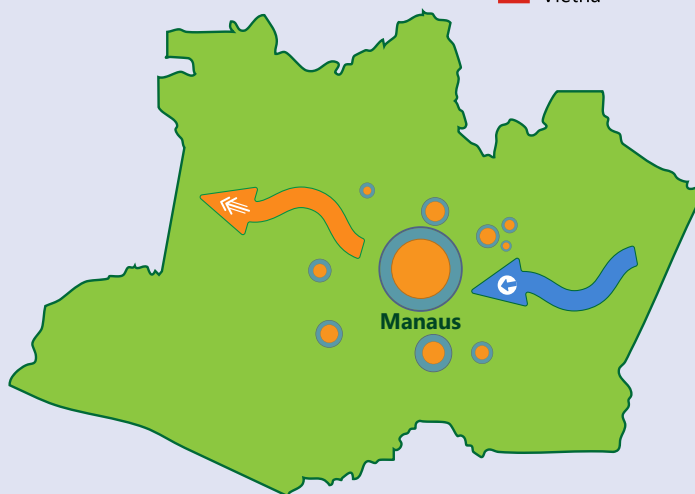
EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES DO AMAZONAS

Exportações

- Valor total: US\$ 1,01 Bi(2024)
- Municípios líderes:
 - Manaus - 86,09%
 - Presidente Figueiredo -10, 37%
- Principais produtos:
 - Preparações alimentícias
 - Ouro/Ouro platinado
 - Motocicletas

Importações

- Valor total: US\$ 16,1 Bi(2024)
- Municípios líderes:
 - Manaus - 98,17%
 - Itacoatiara - 0,81%
- Países de origem:
 -  China
 -  Estados Unidos
 -  Vietnã

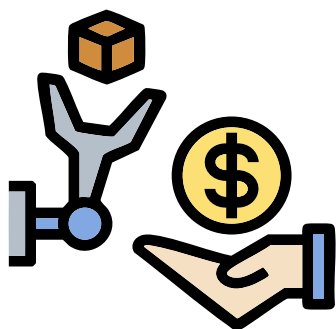


O FATURAMENTO DO POLO INDUSTRIAL DE MANAUS ALCANÇOU UM RECORDE DE R\$ 204,3 BILHÕES EM 2024





O COMÉRCIO, ESPECIALMENTE O DE SERVIÇOS, É O MAIOR GERADOR DE ICMS NO ESTADO, MAS CARECE DE INVESTIMENTOS DIRETOS EM INFRAESTRUTURA



mais severa que a de 2023, não impediu um aumento considerável na arrecadação do Estado, muito graças às ações tomadas pelo governo no sentido de reduzir os impactos sobre a navegação. O volume da arrecadação, no comparativo com o ano anterior, apresentou alta de 11,8%. O ICMS respondeu em 2024 por 84,2% do volume arrecadado em impostos, atingindo R\$ 15,6 bilhões. A arrecadação de ICMS da Indústria em 2024 chegou aos R\$ 6,6 bilhões, enquanto em 2023 o valor arrecadado foi de R\$ 5,4 bilhões, o que representa um aumento de 20,7%. O Comércio saiu de R\$ 7,5 bilhões em 2023 para os R\$ 7,6 bilhões em 2024, um aumento de apenas 2%, de acordo com o Relatório de Avaliação do Plano Plurianual 2024/2027.

ALERTA CLIMÁTICO

A previsão climática para 2025, de acordo com o Centro Gestor e Operacional do Sistema de Proteção da Amazônia (Censipam), indica que o primeiro trimestre será marcado por chuvas mais intensas em algumas regiões da Amazônia Legal, como Amapá e norte do Pará. O setor de comércio, que é o principal gerador de empregos e arrecadação no Amazonas, é particularmente vulnerável a essas características climáticas (estiagem e cheia severas). Embora o comércio esteja intimamente ligado à atividade industrial da ZFM, ele também depende da estabilidade climática para garantir a fluidez das operações logísticas, fundamentais para a entrega de mercadorias. “Diante deste cenário, a Fecomércio-AM reforça a importância de um planejamento antecipado, não apenas como forma de mitigar os danos causados pela estimativa, mas também para garantir a estabilidade dos negócios. Planejar agora é o melhor caminho para reduzir riscos e proteger seu negócio”, alertou Aderson Frota, presidente da Fecomércio-AM.

RESTRIÇÃO DE CRÉDITO

Os desafios enfrentados pelo comércio local, especialmente no que diz respeito às restrições de crédito, têm impactado negativamente o setor. De acordo com o presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas de Manaus (CDL Manaus), Ralph Assayag, existe a preocupação crescente com o aumento da inadimplência, que desencadeia um ciclo prejudicial ao comércio. “A diminuição na confiança do sistema financeiro reduz a oferta de crédito, afetando as vendas e agravando o desemprego. Mas, nós temos propostas que incluem o fortalecimento da segurança jurídica e a criação de um ambiente econômico mais estável, visando reverter esses efeitos”, garante.

**EM ESPECIAL, BARES
E RESTAURANTES
QUE CONSEGUIRAM
SE DIGITALIZAR E
ATENDER NOVAS
DEMANDAS
DE CONSUMO,
CRESCERAM
SIGNIFICATIVAMENTE**





Jorge Nascimento Júnior

Presidente executivo da Eletros (Associação Nacional dos fabricantes de Eletrodomésticos)

O DESGASTE INSTITUCIONAL SILENCIOSO DAS MÁ CONDUTAS: O MUNDO MUDOU, MAS PARTE DAS LIDERANÇAS AINDA VIVE NO PASSADO

Vivemos uma era de rupturas, avanços tecnológicos acelerados, transformações geopolíticas e tensões comerciais que afetam diretamente a forma como conduzimos os negócios. Mas em meio a todo esse dinamismo, há um princípio que deveria ser inegociável em qualquer ambiente corporativo ou institucional: o respeito. Infelizmente, o que se vê com frequência, seja em negociações internacionais ou em tratativas entre empresas, governos e representantes de setores econômicos, é uma crescente banalização do desrespeito.

Em muitos casos, quando interesses são contrariados ou quando antigos privilégios deixam de ser sustentados, a reação imediata é a hostilidade. Perde-se o equilíbrio, e em seu lugar cresce um discurso bélico, marcado por ataques pessoais, tentativas de desqualificação e atitudes que desconsideram não só os interlocutores, mas também toda a história das pessoas e de construção das relações entre as partes envolvidas.

O mundo está vivendo um momento perigoso de intolerância. O espaço da divergência legítima e do debate construtivo vem sendo ocupado por discursos agressivos que, muitas vezes, escondem grande despreparo e desatualização, uma profunda incapacidade de aceitar mudanças ou ceder diante do bem coletivo.

Nas relações corporativas e institucionais, o respeito não é apenas uma virtude, é premissa básica. Ele fortalece a confiança, viabiliza soluções de longo prazo e sustenta pontes mesmo em momentos de crise. A ausência dele, por outro lado, mina o diálogo, compromete acordos e gera ruídos difíceis de reparar.

Já não há mais espaço para atuações improvisadas, sem técnica, escuta qualificada e diálogo assertivo. Cabe, portanto, aos gestores públicos e privados o dever de zelar por condutas que estejam à altura das exigências do mundo contemporâneo. No setor público, essa cobrança vem, com justiça, da própria população, que exige transparência, coerência e respeito. Já no ambiente privado e nas entidades

civis organizadas, são os funcionários, clientes, investidores e associados que precisam exercer ativamente esse papel de fiscalização ética.

Vivemos um tempo em que os “atropelos”, nas formas, nos métodos e nas relações, deixaram de ser tolerados. Silenciar-se diante de comportamentos inadequados, por conveniência ou medo de confronto, é tornar-se cúmplice de práticas que fragilizam as instituições e comprometem a integridade das relações.

Em tempos de interesses diversos e crescentes conflitos de agenda, a representação institucional precisa atuar como construtora de pontes e soluções. Não se trata mais de “chutar a porta” se valendo do “poder da caneta”, de um sobrenome empresarial ou de uma fama associativa. Essa lógica, típica de um tempo em que o poder era exercido de forma vertical e impositiva, simplesmente não funciona mais.

Quem insiste nesse método ultrapassado tende a se ver cada vez mais isolado, acumulando derrotas, frustrando-se e, muitas vezes, reagindo com imaturidade por não entender a nova dinâmica das relações institucionais que cada vez mais é colaborativa, técnica e respeitosa.

É preciso repudiar com firmeza qualquer forma de desrespeito nas tratativas profissionais e institucionais, independentemente de onde venha. Representantes de entidades, líderes empresariais, autoridades e agentes públicos devem ser os primeiros a dar o exemplo.

Não há mais espaço para arrogância institucional ou imposições unilaterais. A boa condução das relações exige técnica, estudo, escuta ativa, empatia e, acima de tudo, civilidade.

É hora de resgatar o valor do respeito como princípio elementar para qualquer construção coletiva. Isso não é sinal de fraqueza, ao contrário, é uma demonstração de força, maturidade e visão estratégica. E mais: é um compromisso com um futuro mais saudável, justo e cooperativo para todos.

VOCÊ JÁ COMPARTILHOU NOTÍCIA FALSA?

Você sabe de onde vêm as notícias que recebe? Checa as informações? Antes de compartilhar notícias você consulta se foram publicadas em uma mídia clássica? Disfarçadas, com linguagem alarmante e sem apuração jornalística, elas estão influenciando leitores que não conseguem identificar o que é verdadeiro e o que é falso. Não compartilhe informações sem checar a fonte! Com conteúdo comprovadamente consistente, as revistas produzem reportagens seguras e confiáveis, seja na versão impressa, on-line, no celular ou em vídeo.

REVISTAS
Eu acredito!

Um Ecosystema de boas práticas para a gestão de **Empresas** e **Governos** na Amazônia Legal.



REALIZAÇÃO:

**INSTITUTO
ESG
AMAZÔNIA**

PATROCÍNIO:

 **BALPONTE**

MÍDIA OFICIAL:

 **MAMAZÔNIA**
POLÍTICA • INDÚSTRIA • MEIO AMBIENTE